

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CLÁSSICOS DO CINEMA COREANO

9 e 14 de Janeiro de 2021 *

SHIJIBGANEUN NAL / 1956

“O DIA DO CASAMENTO”

um filme de LEE BEYONG-IL

Realização: Lee Byeong-il *Argumento:* Oh Young-jin *Fotografia:* Lim Byeong-ho *Som:* Lee Kyeong-soon *Montagem:* Dong-Chun Hyeon *Música:* Lim Won-shik *Direcção artística:* Lim Myeong-seon *Interpretação:* Seung-ho Kim (Mestre Maeng), Yu-hee Kim (Gapbun), Mi-ryung Cho (Ipbun), Choi Hyun (Mieon), Yoo-seon Kim, etc.

Produção: Dong-a Films Co. (República da Coreia, 1956) *Produtor:* Lee Byeong-il *Produtor executivo:* Yoon Sang *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falada em coreano, legendada electronicamente em português, 79 minutos *Estreia:* 27 de Novembro de 1956, na República da Coreia *Apresentação internacional:* 2 de Julho de 1957, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Título internacional:* THE WEDDING DAY *Título internacional alternativo:* HAPPY DAY OF MAENG JINSA *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

* por alterações decorrentes dos condicionalismos impostos por emergência sanitária, a sessão de dia 9 não se realizou

SHIJIBGANEUN NAL começa bucólico, com planos moventes de celebração telúrica. Em meados dos anos 50 do século XX, a Coreia era um país recém-saído da sua própria guerra no contexto político internacional do confronto “frio” das grandes potências que reconhecera o corte Norte/Sul em 1953. No cinema, entrava-se na dita *época áurea* de 1955-1972, e Lee Byeong-il (1919-1978) estreava a segunda das suas três longas-metragens, uma “comédia de costumes” histórica com acidez dramática. “O DIA DO CASAMENTO” ou “O DIA FELIZ DE MAENG JINSA”, como também é conhecida a sempre referenciada primeira produção coreana apresentada internacionalmente, regressa a uma peça escrita por Oh Yong-jin em 1942, levada pela primeira vez à cena dois anos mais tarde, e de que haveria duas adaptações posteriores, por Lee Yong-min em 1962, e Kim Eung-cheon em 1977. A mais popular, e celebrada na Coreia, até pelas portas que abriu em termos de confiança interna e interesse externo, é no entanto esta, de Lee Byeong-il. Segundo o Arquivo Coreano, o filme de 1956 não só foi altamente popular consagrando-se um caso da cinematografia clássica nacional, como muito fez pela conquista da confiança nos motivos coreanos que alimentaria a produção do “período de ouro”.

Sobre o cineasta, é possível apurar que terá viajado para Hollywood em 1948 procurando familiarizar-se com o cinema americano, que passou pelo Japão, e que posteriormente fundou a sua própria produtora, Dong-a, para a qual filmou “O DIA DO CASAMENTO”. Realizada antes, a sua primeira longa-metragem, BAN-DO-UI BOM / SPRING ON THE KOREAN PENINSULA (1941), é descrita por Hayley Scanlon como “um conto das provações e adversidades dos aspirantes a realizadores na Coreia enfraquecida” sob o domínio japonês. A história combativa de um jovem realizador e da sua equipa para levarem a bom porto a adaptação cinematográfica de uma popular narrativa tradicional coreana (o conto de Chunhyangeon), “SURPRESA NA PENÍNSULA COREANA” (título que evoca o de uma produtora de cinema no enredo) propõe uma curiosa incursão pelos bastidores do cinema da época, com um “filme dentro do

filme” em duplo reflexo, pelo qual perpassa a dependência do cinema coreano relativamente ao Japão dos anos 1940.

O filme de estreia de Lee Byeong-il – argumenta Hayley Scanlon – “surpreende pela nota de discordância graças aos temas subversivos e desfecho melancólico com o olhar ambivalente que a personagem do realizador dirige a um futuro incerto ficando para trás quando os seus enviados partem [de Seul rumo a Tóquio] em busca de um mundo novo e mais moderno.” O terceiro que Lee realizou, JA-YUGYEOLHON / THE LOVE MARRIAGE (1958), volta em tripla ao tema matrimonial para oferecer três finais felizes ao cabo de percursos tormentosos a três casais amorosos, por oposição à conveniência dos arranjos. Ambos são histórias de Seul, ao contrário do campestre “O DIA DO CASAMENTO”, cujo núcleo narrativo descreve a situação feudal de um matrimónio arranjado entre noivos desconhecidos de boas famílias (mais ele que ela), mas frustrado por um boato e pelas expectativas da rapariga casadoira. Rumores, equívocos e reviravoltas são pois ingredientes da acção, que corre em direcção a uma moral que legitima a bondade derrotando o móbil de uma estratégia de ascensão social.

A estratificação social está de resto no fulcro da história, até porque a solução da família para salvar a nubente do casamento com um homem aleijado de uma perna (tal é o desagradável boato) – sem perder a face – é sacrificar a jovem criada, por meio de uma teia de enganos. A sugestão ilusória é logo dada na abertura quando o espectador tarda em alcançar a natureza da relação entre as jovens e graciosas Gapbun, a nubente, e Ipbun, a sua doce criada, que mais parecem amigas. Outras se seguem, tornando divertida a azáfama casamenteira, com todas as promessas de prosperidade que trará à família, e o ruído introduzido pela perturbação do boato que reconfigura o plano às mãos de personagens vagamente entregues a contradições. No fim, triunfa a delicadeza. Mas é nos seus elementos não narrativos que o filme verdadeiramente brilha, cortês e deambulante, impressionista na fusão com a paisagem e ainda rigoroso na geometria dos enquadramentos. E assim aqui se encontra algo de renoiriano, um “passeio ao campo” com baloiço entre árvores, ou a energia à flor das imagens nos travellings sobre terrenos cultivados, lavadeiras de rio. E assim aqui se descobrem planos tão inspirados como o da roda das raparigas, ou o da reunião dos homens de trajes brancos e chapéus de abas em negro tule, filmada de cima como um jogo de tabuleiro de elegantes figuras.

Maria João Madeira